



EDITORIAL

Dois clássicos da literatura tiveram lugar neste bimestre. Epopeias, textos antigos, que ainda hoje nos dão vida. No âmbito do Projeto Educativo, o Museu encheu-se de estudantes para viajarem na obra de Ulisses... e Luís de Camões chegou a todos os alunos do 10.º ano, na pessoa do Prof. Doutor José Cardoso Bernardes.

O dever de conservar é uma das missões do Museu. Nesse sentido, foram recentemente alvo de conservação e restauro os documentos do fundo antigo, de inestimável importância para a história do concelho.

A Peça do Bimestre, este ano dedicada aos vestidos de noiva, relembra tempos passados, não tão distantes quanto por vezes nos fazem parecer... Visite-nos!

VIAGEM COM ULISSES – UMA EPOPEIA, CUJOS CENÁRIOS FORAM O MUSEU MUNICIPAL

Foram muitos os marinheiros, alunos do 6.º ano, que depois de lerem a obra *Ulisses*, de Maria Alberta Meneres, participaram no peddy-paper “Uma Viagem com Ulisses”, atividade realizada pelas Bibliotecas do Agrupamento de Escolas de Coruche e o serviço educativo do Museu.

A Rainha, figura recriada pela professora de Português que acompanhava a turma, dava ordem de saída do Auditório, feito Palácio, para as equipas se fazerem ao mar. Os Ciclopes, os Argus, os Deuses do Olimpo, os Polifemos, os Apolos, as Circe foram, entre outros nomes, os protagonistas desta epopeia.

A valentia e a curiosidade marcaram a postura destes jovens descobridores, gente habituada às intempéries e à agitação do mar da sua adolescência, que lá foram remando contra o tempo e a favor da história, desafiando pistas e enigmas, cruzando os conhecimentos da disciplina de Português com os da História universal e local. Navegaram

de Barco [atracado no Pátio...] até ao interior da exposição *O Homem e o Trabalho – A Magia da Mão*. Aí desvendaram os Segredos do Universo, percorreram os caminhos da história, saudaram Minerva, a deusa romana da sabedoria. Encontraram o caminho para o rio e desaguaram numa ilha de cores, pintada de feitiços e magia em que Circe, a famosa feiticeira, lhes propôs o derradeiro enigma: responder às perguntas com os olhos abertos sem estar a dormir, desafiando a lei de Cérbero, o cão de Hades.

De regresso ao Palácio, a Rainha validou as respostas de cada equipa e, após um conselho mediado pelos deuses, aclamou a vencedora. Ao palco do salão real foram chamados todos os valentes marinheiros que, das mãos de Ulisses e sob a proteção de Minerva, receberam um certificado confirmando a sua bravura e astúcia.



Fotos: MMC

O MUSEU CONVIDA PROF. DOUTOR JOSÉ CARDOSO BERNARDES

Os cerca de 130 alunos do 10.º ano do Agrupamento de Escolas de Coruche foram o público-alvo da conferência proferida, no passado dia 22 de janeiro, pelo Prof. Doutor José Cardoso Bernardes, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a temática “Lírica camoniana”.

Foi entre os livros da biblioteca da Escola Secundária de Coruche que alunos e professores ouviram falar de Camões, da obra literária de um dos maiores vultos da literatura portuguesa, mas também das certezas e incertezas do seu percurso biográfico.

INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE DOCUMENTOS ANTIGOS

No âmbito de uma candidatura à Bolsa de Mérito do QREN, foram alvo de conservação e restauro três documentos do fundo antigo: “Foral Afonsino de 1182 e outros documentos”, em pergaminho, “Tombo da Vila de Coruche” e livro “Processo de contenda entre os Freires da Ordem de Avis e os Beneficiados da Colegiada de Coruche”, todos de elevada importância histórica para o concelho de Coruche.

As intervenções foram realizadas pela empresa Mão de Papel, orientada pela Conservadora Restauradora Maria Helena Nunes, respeitando ao máximo a integridade física e histórica dos documentos.



Fotos: Maria Helena Nunes

PEÇA DO BIMESTRE – VESTIDOS DE NOIVA

Ao longo dos seis bimestres de 2013 o Museu Municipal dará a conhecer alguns dos vestidos de noiva que integram o seu acervo. O ritual do casamento assinala a passagem à vida adulta. Em tempos passados, casar tinha diferentes significados consoante o género dos nubentes. No caso da mulher traduzia-se na saída da alçada do pai diretamente para a tutela do marido, a quem deveria, legalmente, *reverência marital*. Todavia, até finais do século XIX não existia o hábito, tanto em Portugal como em Espanha, da mulher adotar o sobrenome do marido. As elites portuguesas iniciaram este costume por imitação de outros países europeus, prática que, no início do século XX, é copiada também pela burguesia rural.

Como seria de supor, a coabitação de homem e mulher só era admissível depois de unidos por este sacramento, sem o qual os filhos do casal seriam, para todos os efeitos e aos olhos da lei, ilegítimos.

Para a grande maioria da população - trabalhadores rurais -, a escolha da data do casamento estava inteiramente relacionada com o calendário agrícola. Também em Coruche tal acontecia. Era pois tradicionalmente por alturas da feira de São Miguel, no fim de Setembro, quando já haviam terminado as colheitas, que os casais tinham tempo livre (e também alguma disponibilidade financeira) para casar.

O vestido que por ora se expõe foi usado por Antónia Caetana aquando do seu casamento com Guilherme Brás. Casaram na década de 30 do século XX, no Couço, sendo naturais de Santa Justa. Neste dia a noiva usou igualmente as meias e os sapatos expostos. Quanto ao véu, era prática corrente o aluguer do mesmo, visto o tule ser muito dispendioso.

Doação ao Museu por Nuno Canejo Virgílio.